



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM FILOSOFIA**

**LUCINEIDE DOS SANTOS OLIVEIRA**

**SOBRE A LIBERDADE EM SARTRE**

**CAMPINA GRANDE  
2016**

**LUCINEIDE DOS SANTOS OLIVEIRA**

**SOBRE A LIBERDADE EM SARTRE**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Licenciatura plena em Filosofia, da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para a obtenção do grau de Licenciatura em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. José Arlindo Aguiar Filho

**CAMPINA GRANDE**  
**2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

O48p Oliveira, Lucineide dos Santos  
Sobre a liberdade em Sartre [manuscrito] / Lucineide dos Santos Oliveira. - 2016.  
19 p.

Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) -  
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.  
"Orientação: Prof. Dr. José Arlindo Aguiar Filho,  
Departamento de Filosofia".

1.Sartre. 2.Liberdade. 3.Angústia. I. Título.

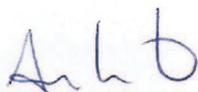
21. ed. CDD 123.5

**LUCINEIDE DOS SANTOS OLIVEIRA**

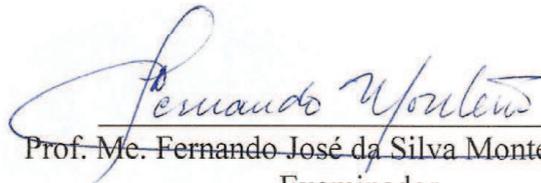
**Sobre a liberdade em Sartre**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciada em Filosofia.

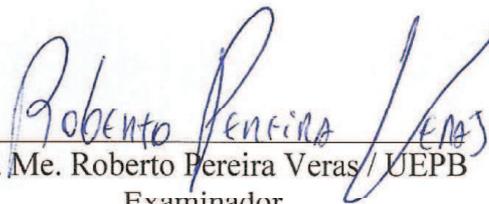
Aprovado em 14/10/2016.



Prof. Dr. José Arlindo de Aguiar Filho / UEPB  
Orientador



Prof. Me. Fernando José da Silva Monteiro / UEPB  
Examinador



Prof. Me. Roberto Pereira Veras / UEPB  
Examinador

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por ter mim proporcionado serenidade para seguir em frente ao longo do curso, e nunca ter mim desamparado mesmo nas horas que pensei em desistir.

Agradeço a minha família, em especial meu esposo Fabiano, que esteve ao meu lado em todos os momentos.

Meu muito obrigado também aos meus pais, Antonio e Benedita, aos meus irmãos, em especial Luzinete, Cristiane e Luzineide que sempre ouviram meus desabafos e me ajudaram em todas as horas.

Agradeço de coração ao Prof. Dr. José Arlindo Aguiar Filho pela orientação durante toda pesquisa.

Agradeço ao Prof. Fernando José da Silva Monteiro e ao Prof. Roberto Pereira Veras, por terem aceitado participarem da banca examinadora da minha pesquisa.

Enfim, agradeço a todos os professores que tive a oportunidade de conhecer ao longo do curso e também a todos os amigos que fazem e fizeram parte dessa conquista.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>5</b>
<b>1. A IMPORTÂNCIA DA LIBERDADE NA FILOSOFIA SARTREANA.....</b>	<b>7</b>
<b>2. LIBERDADE E ANGÚSTIA.....</b>	<b>9</b>
<b>3. MÁ-FÉ.....</b>	<b>14</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>17</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>19</b>

## SOBRE A LIBERDADE EM SARTRE

Lucineide dos Santos Oliveira<sup>1</sup>

### RESUMO

O presente trabalho tem por objeto fazer uma reflexão sobre a liberdade em Sartre, de tal modo, onde primeiramente apresenta a importância da liberdade na filosofia Sartreana, destacando nesse sentido o verdadeiro intuito da liberdade, demonstrado assim o quanto a liberdade é fundamental na vida de qualquer ser humano. Em seguida adentra na questão da angústia, pois segundo Sartre o homem é um ser de responsabilidade e por consequência dessa responsabilidade surge a angústia, assim o homem se torna um ser angustiado; a angústia emerge da responsabilidade do homem perante uma decisão. E por fim iremos apontar os fatos que levam o ser humano a agir de má-fé. Agir de má-fé é para Sartre um erro, pois ao agir de má-fé o homem tenta fugir do ser de liberdade que é.

**Palavras-chave:** Sartre; liberdade; angústia; má-fé

### INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo trazer uma reflexão sobre a liberdade, de acordo com o pensamento de Jean Paul Sartre, precisamente na quarta parte do livro ‘*O Ser e o Nada-Ensaio de Ontologia Fenomenológica*’ (1943). Apresentando-a de tal modo, para demonstrar a importância da mesma, uma vez que a liberdade é fundamental para a existência. Assim, o trabalho consiste em demonstrar que só existe uma existência concreta na aparência, ou seja, na ação cotidiana do ser humano, pois, para Sartre, o ser humano é aquele que se faz todos os dias através de suas ações.

Contudo pesquisar sobre esse tema e estendê-lo para além do estudante de filosofia é algo muito importante, uma vez que a liberdade constitui um dos problemas da sociedade contemporânea.

O ser humano, como já foi dito, é aquele que se faz todos os dias através de suas ações, logo, cada ser escolhe o que considera melhor para si, e não só para si mesmo, uma vez que ao escolher por si o homem também escolhe para o outro, ou seja, uma ação individual se torna coletiva. Desta forma, todo tipo de ação expressa a liberdade em si. Sendo assim, a liberdade é uma condição primordial do ser humano da qual não se pode de forma alguma fugir?

Para chegarmos a tal resposta se faz necessário apresentar três pontos fundamentais. Pois, com isso, iremos compreender um pouco mais sobre o tema. Assim primeiramente

---

<sup>1</sup> Aluna da Graduação em Licenciatura em Filosofia na Universidade Estadual da Paraíba, Campus I.  
Email: [neide2013filosofia@hotmail.com](mailto:neide2013filosofia@hotmail.com)

buscaremos demonstrar a importância da liberdade na filosofia Sartreana, em seguida adentraremos de forma breve na questão da liberdade e angústia, e, por fim, iremos apontar os fatos que levam o ser humano a agir de má-fé.

Sartre apresenta em seus escritos um existencialismo ateu, ou seja, a realidade humana, ou o homem, vem em primeiro lugar. De forma mais evidente o homem primeiro existe no mundo, depois ele se define de acordo com seus atos. É neste sentido que para Sartre a existência precede a essência.

Assim, o homem é, de certo modo de início nada, nada no sentido de que, só será alguma coisa posteriormente, e mais, só será o que ele se tornar ao longo dos dias; uma vez que não há um deus criador que os crie e defina o que ele irá ser. Deste modo, o homem é exatamente aquilo que faz e projeta ser; ele escolhe ser, pois é antes de qualquer coisa um ser de decisão.

O existencialismo Sartreano coloca o homem como o único responsável por sua existência, além disso, não só por si, mas por todos os outros também. É por isso que a responsabilidade é algo grandioso, pois além de envolver o homem que decide envolve a humanidade como um todo.

Portanto, a ação individual envolve toda a humanidade. Talvez seja este o fato que torna o ser humano um ser mais angustiado, pois o mesmo é responsável pelo o outro que o interpela a todo momento.

A angústia se revela na decisão, ou seja, ao decidir o homem se sente extremamente angustiado, uma vez que o homem está no mundo sem nenhum tipo de apoio e, portanto, torna-se um ser de responsabilidade. Assim ele escolhe diariamente, e tem sempre que optar por algo que no momento lhe parece ser mais importante, e, por consequência, nesta escolha está sempre presente a angústia, mesmo que esta seja mascarada.

É necessário sempre escolher, pois o homem tem como obrigação ser livre antes de qualquer coisa. Assim, toda vez que um ser escolhe, ele está agindo, e deste modo, ele será sempre o único responsável por sua escolha. Deste modo, fica demonstrado que a angústia irá sempre fazer parte da ação.

Quando a angústia é mascarada, o homem passa a agir de má-fé, pois é preferível mentir a assumir sua responsabilidade diante do mundo. A mentira é fruto de uma consciência pesada; o homem considera melhor mentir ou colocar a culpa dos seus erros em outra pessoa do que assumir o ser faltante que ele é.

Assim, para esquivar-se de um erro, ele diz ter sido levado pela paixão. Deste modo, diz que agiu sem pensar, ou seja, o que fez foi um ato irracional, porém para Sartre isto é um

álibi, pois se o homem vivenciou uma determinada situação foi porque o mesmo escolheu o melhor a fazer, é assumir o feito e não negar, pois ao agir assim o homem busca enganar a si próprio.

Portanto, o homem é sempre responsável por todos os seus atos, ele é quem escolhe o que deseja viver no seu cotidiano, e não há nada que o faça agir assim, a não ser sua existência que o faz decidir; o reino da liberdade é o próprio reino da existência. O homem é sempre livre negando ou afirmando.

## 1. A IMPORTÂNCIA DA LIBERDADE NA FILOSOFIA SARTREANA

A filosofia Sartreana é uma filosofia voltada para o indivíduo, pois é uma filosofia existencialista. E entre outros temas trata de uma questão essencial para a sociedade a liberdade. O homem é totalmente responsável por sua existência: “Assim, a primeira decorrência do existencialismo é colocar todo homem em posse daquilo que ele é, e fazer repousar sobre ele a responsabilidade total por sua existência” (SARTRE, 2010, p. 26).

Segundo Sartre, o homem é sempre livre negando ou afirmando, ou melhor, para ele o homem está condenado a ser livre; deste modo todo ser humano é responsável por suas ações; talvez seja esse fato que mais chama a atenção nos escritos de Sartre, pois o mesmo nos mostra que somos o que decidimos todos os dias em nossas ações.

Existir é o fazer decidir, por conseguinte, ao decidir, o ser humano age. Assim, todo ser atuante, pode-se dizer, tem por base a liberdade, uma vez que toda ação implica em liberdade.

Porém, vale mencionar que toda ação é por princípio intencional, por isso o homem se define ao escolher qualquer ação. Deste modo, essa ação intencional é realizada pela escolha do homem. É a escolha intencional do fim que revela o mundo, segundo o fim escolhido:

O conceito de ato, com efeito, contém numerosas noções subordinadas que devemos organizar e hierarquizar: agir é modificar a *figura* do mundo, é dispor de meios com vistas a um fim, é produzir um complexo instrumental e organizado de tal ordem que, por uma série de encadeamentos e conexões, a modificação efetuada em um dos elos acarrete modificações em toda a série e, para finalizar, produza um resultado previsto [...] com efeito, convém observar, antes de tudo, que uma ação é por *princípio intencional*. (SARTRE, 2011, p.536).

Por conseguinte, o ser humano, por si só, tem que sempre escolher, pois escolher é antes de tudo exercer a sua condição de liberdade no mundo, logo, sempre que houver o

exercício da ação há também o da escolha. Deste modo, o homem é sempre responsável por seus atos, seja este bom ou ruim e não há nada que o faça ser diferente, pois não há outra escolha que não exercer sua liberdade.

Através disso vale mencionar que a liberdade não é uma conquista do ser humano, ela é antes de tudo uma condição da existência humana, tudo que o ser humano demonstra ser em seu cotidiano com seus atos ocorre por causa de sua liberdade, como descreve Sartre:

Sou um existente que *aprende* sua liberdade através de seus atos; mas sou também um existente cuja existência individual e única temporaliza-se como liberdade [...] Assim, minha liberdade está perpetuamente em questão em meu ser; não se trata de uma qualidade sobreposta ou uma propriedade de minha natureza; é bem precisamente a textura de meu ser...(SARTRE,2011, p. 542/ 543).

Deste modo, a essência do homem como ser é a liberdade, o homem está condenado a ser livre. O homem é fruto de sua liberdade, pois sempre escolhe o que irá praticar no seu dia a dia. Assim, não há limites para liberdade, a não ser a própria liberdade, pois a liberdade não é algo que possa ser conquistado ao contrário, ela é uma condição da existência.

O ser humano usa da sua liberdade para escolher o que projeta ser, e a partir desta escolha são criados seus valores. Deste modo, segundo Sartre, não há nenhuma possibilidade do homem recusar uma escolha que está diante de si, pois a fuga desta já resulta em uma escolha. Através disso podemos notar que o homem não é livre para deixar de ser livre; ele sempre será livre, que implica dizer que não há possibilidade do homem ser ora livre; ora escravo, ele é unicamente sempre livre.

Assim, fica demonstrado, que ser livre é fazer algo, uma vez que o ser é aquele que se faz todos os dias através dos seus atos. Assim, podemos compreender que na realidade humana não existe nada ‘’dado’’, pois não há um Deus criador, uma vez que, para Sartre, o homem é inicialmente nada, assim ele será o que se tornar com suas escolhas. O homem é aquele que se faz e se projeta rumo a suas escolhas, ele escolhe sempre, pois é um ser de decisão. Deste modo, o ser humano é um ser de condutas e de posição, como diz Sartre:

A única consideração empírica do ser humano mostra-o como uma unidade organizada de condutas ou ‘’comportamentos’’. Ser ambicioso, covarde ou irascível é simplesmente conduzir-se dessa ou daquela maneira em tal ou qual circunstância. (SARTRE,2011,p.587).

Para o ser humano ser, é necessário agir. Não agir é, na concepção de Sartre, deixar de ser. ‘‘A realidade humana não é primeiro para agir depois; mas sim que, para a realidade humana, ser é agir, e deixar de agir é deixar de ser’’.(SARTRE,2011, p.587).

A liberdade é sempre o fato de que tal escolha é sempre incondicional, ou seja, a liberdade não tem relação nenhuma com imposição. Liberdade é escolha assim não pode ser algo imposto.

O homem livre tem um mundo cheio de possibilidades, no qual ele pode escolher o que quiser, mas como já foi dito de início ele só não pode não escolher, pois não escolher é recusar-se a ser segundo Sartre, pois tudo que há no mundo tem relação com a escolha.

Para Sartre ‘‘o projeto livre é fundamental porque é o meu ser’’. Este também é o primeiro e o total, nem a paixão e nem nenhum outro vem primeiro. Fundamental e básico é ser livre; os outros são compreendidos a partir deste primeiro projeto. A liberdade não tem nenhum tipo de apoio, logo o projeto para ser deve ser sempre renovado, pois é algo que muda diariamente.

Contundo, liberdade e homem é para Sartre a mesma coisa. Pois a liberdade é na visão de Sartre uma condição primordial do homem, do qual o mesmo não pode esquivar-se de modo algum.

Ao estar condenado a ser livre, o homem, a partir desta condenação, é que passa a se formar. Assim, não existe na concepção de Sartre nada que leve o homem a agir dessa ou daquela forma, ele sempre escolherá os caminhos a ser traçado; nenhum destino vem traçado, ou melhor, para Sartre; não existe destino, o destino é ele mesmo e sua liberdade. O homem foi jogado no mundo sem apoio algum, vive no mundo e a partir disto se torna o que desejar.

## **2. LIBERDADE E ANGÚSTIA**

Segundo Sartre, ser livre é agir, no entanto, é necessário que se saiba que ao agir o homem é responsável por todas suas ações. Vale mencionar que o ser humano é por sua vez um ser desamparado, ou melhor, está no mundo sem apoio algum. Porém, ele só vai notar este desamparo ao estar diante de uma decisão, pois só ele pode escolher o que considera melhor. Deste modo, nada pode impedir que ele próprio faça suas escolhas, uma vez que ninguém pode libertar o homem de si mesmo.

Por conseguinte, é a liberdade que dá fundamento aos valores. Por ser totalmente livre o homem é o único que se torna responsável por tudo aquilo que ele escolhe e faz. E escolher é algo angustiante, uma vez que o homem está lançando ou jogado à vida, sabendo deste modo

que ele é responsável por tudo o que faz da sua existência. Nesse sentido, revela-se a liberdade, pois, que o homem é um ser totalmente desamparado.

Desse modo, ao ter consciência de que é livre e estar no mundo sem amparo algum, o sentimento de responsabilidade faz com que o homem se angustie, uma vez que nada está pronto, ou seja, não há fundamentos prontos onde ele possa se apoiar. Assim, o homem está a se fazer todos os dias através de suas ações e a escolha vem sempre acompanhada da responsabilidade.

Através disso, fica demonstrado que a responsabilidade traz ao homem a angústia existencial, a qual se mostra no momento da decisão. Ele se angustia, pois não há possibilidades de alterar as condições propostas pela existência, tendo assim de escolher sempre, e mais, tendo de se responsabilizar pelas conseqüências de tal escolha. E além de tudo, tem que buscar em sua liberdade, os princípios que guiam sua escolha.

Entretanto a angústia é um sentimento que o ser humano tem, porém não está relacionado há um determinado objeto:

Na angústia [...] isso que ameaça não se acha em nenhuma parte. Angustio-me porque existo no mundo; porque saí do nada e porque me circundam inumeráveis ameaças de privação da plenitude a que aspiro. (VALLE, 1975, p.90).

A liberdade, por sua vez, não possui uma realidade concreta; não possui essência, pois ela própria é o fundamento da essência humana na medida em que fundamenta o agir. Para Sartre, “o homem é angústia”. Assim sendo, em Sartre a angústia diante da liberdade é algo diante de si mesmo; daquilo que constitui a própria realidade humana, pois o homem ao estar diante de uma escolha que ameaça mudar seu cotidiano, se sente extremamente angustiando.

O homem gosta do comodismo, porém, para “ser” é necessário sair da “zona de conforto”; ou seja, o homem tem que deixar de lado todo tipo de comodismo que o leve a ficar passivo de costumes e hábitos impostos ao longo da vida. E a partir daí começar a decidir por si só o que fazer de suas próprias escolhas, pois a liberdade é escolha. Tal escolha pode ser boa ou ruim; entretanto; só se sabe se a escolha foi boa ou ruim agindo, uma vez que não se pode consultar algo que está por vir.

Como já foi dito anteriormente a escolha vem ao lado da responsabilidade. Desse modo, o homem tem por dever responder por todas as suas ações. Assim é necessário que o mesmo assuma todas as conseqüências que sua escolha causou, independente do resultado que ela obteve.

A ação do homem se baseia em suas decisões, no escolher contínuo de tudo que ele faz é sua própria vontade, ele se auto determina, pois é um ser de consciência. Desse modo, sua liberdade o faz sentir-se responsável por tudo que realiza. Assim o homem comanda todas as suas ações, uma vez que a essência da liberdade reside no fato do homem decidir por si todas as coisas (o homem é sempre livre).

Para a realidade humana, ser é *escolher-se*: nada lhe vem de fora, ou tão pouco de dentro que ele possa *receber* ou *aceitar*. Estar inteiramente abandonado, sem qualquer ajuda de nenhuma espécie, à insustentável necessidade de fazer-se até o mínimo detalhe. Assim a liberdade não é um ser: é o ser do homem, ou seja, seu nada de ser. Se começássemos por conceder o homem como algo pleno, seria absurdo procurar nele depois momentos ou regiões psíquicas em que fosse livre: daria no mesmo buscar o vazio em um recipiente que previamente preenchemos a borda. O homem não poderia ser ora livre, ora escravo: é inteiramente livre, ou não o é. (SARTRE, 2011, p. 545).

Deixar de ser livre é algo impossível na filosofia de Sartre, pois deixar de ser livre é deixar de ser homem. A liberdade, então, nos leva a um fazer contínuo; o homem tem que estar a todo instante a se inventar, pois suas escolhas constituem, ou melhor, constroem a sua essência.

Podemos por assim dizer que a liberdade não é uma característica qualquer do ser humano, ela configura o homem enquanto tal, pois é que dá plena autonomia de decisão aos que a tem.

Assim, Sartre demonstra que o homem é totalmente responsável por suas ações, e mais pelo seu próprio ser torna-se; responsável pelo que ele é e por sua existência no mundo. A responsabilidade implica no poder do homem enquanto centro da existência. É o homem o autor da totalidade das coisas e também do seu próprio ser.

O homem não tem desculpas para a sua própria existência. Entretanto, é necessário mencionar que essa responsabilidade não é apenas individual - minha comigo mesmo ela se estende para com os outros, pois ao escolher algo e diante disso afirmar o seu valor estamos conseqüentemente e ao mesmo tempo comunicando aos outros o benefício daquela escolha, uma vez que é imprescindível que alguém escolha o mal para si.

Diante disto, o homem ao escolher por si é estritamente responsável pelos outros e também por toda a humanidade. Eis o fato que mais angustia o homem saber que sua responsabilidade é algo maior, pois envolve o outro. Nos termos de Sartre, esta escolha é baseada em algo positivo, ou seja, é uma escolha boa:

O que escolhemos é sempre o bem, e nada pode ser bom para nós sem sê-lo para todos. Se a existência além do mais precede a essência, e nós queremos existir ao mesmo tempo em que moldamos a nossa imagem, tal imagem é válida para todos e para nossa época inteira. (SARTRE, 2010, p.27).

Segundo Sartre, a existência precede a essência, pois, o homem é lançado na existência e, só depois, por meio de suas ações é que ele pode se tornar algo, pois, o homem primeiramente não era nada. É por essa razão que Sartre define o homem como angústia, pelo fato da condição humana ser nadificada em seu próprio ser.

Com isso, nota-se que nos termos de Sartre não existe um Deus criador, que antes planejou o ser humano a partir de um idéia ou projeto prévio, o homem está totalmente desamparado:

Com efeito, tudo é permitido se Deus não existe, conseqüentemente, o homem encontra-se desamparado, pois não encontra nem dentro nem fora de si mesmo uma possibilidade de agarrar-se a algo [...] dizendo de outro modo, não existe determinismo, o homem é livre, o homem é liberdade. (SARTRE, 2010, p. 32/33).

Assim, o ser humano simplesmente existe no mundo e só define sua essência através do que ele fizer de si mesmo, pois seu projeto se fundamenta a partir de suas ações. Assim, o homem está condenado a ser livre, pois sua essência é a própria liberdade, como já foi dito

Portanto o homem é livre para fazer o que quiser de sua vida, porém é importante que o mesmo tenha sempre em suas ações discernimento e autonomia, pois sua essência só será definida com base naquilo que ele faz de si mesmo por meio de seus atos.

O homem é a própria angustia e dela o mesmo não pode fugir, o fato que mais o torna angustiante é saber que além de tudo é responsável pelos demais:

Assim sou responsável por mim e por todos e crio uma determinada imagem do homem que escolho ser; ao escolher a mim estou escolhendo o homem. (SARTRE, 2010, p. 28).

Assim, é desta responsabilidade que o homem não poderá se esquivar, contudo além de ser algo para ele angustiante é ao mesmo desesperador, pois não há nenhuma forma do mesmo se libertar da responsabilidade com o outro:

O homem que se engaja e que se dá conta de que ele não é apenas o que escolhe ser, mas é também um legislador que escolhe ao mesmo tempo o que será a humanidade inteira, não poderia furta-se do sentimento de sua total e profunda responsabilidade. (SARTRE, 2010, p.28).

Ser livre é, comprometer-se, e além do mais responsabilizar-se, com o seu próximo, entendendo assim que sua ação o leva, mesmo que indiretamente, a uma constante responsabilidade com os demais, pois o homem será sempre interpelado pelo outro, o outro é, por assim dizer responsabilidade minha.

A liberdade permite ao homem sempre escolher independente dos rumos desta escolha, pois ser livre é antes de tudo a condição primordial da existência. Em tese, o homem é livre, ele é a pura liberdade, e não há nada que os torne diferente.

Assim, não existe destino o destino é simplesmente a escolha do homem; é justamente aquilo que escolhe ser no seu dia a dia, é o projeto que ele próprio traçou e definiu como seu. Tal projeto só poderá se concretizar a medida que suas escolhas forem sendo feitas. Assim, ele será o que ele próprio escolheu e nada além disso.

É por isso que o homem se torna um ser angustiado, pois sua existência será sempre guiada por suas escolhas – a vida é uma porção de escolhas. Por conseguinte, ao escolher mal ele paga um preço que não gostaria, uma vez que ao escolher e ter vivenciado uma determinada situação, não há chances dele se libertar desta escolha, e por isso que o homem deve ter discernimento ao escolher.

A responsabilidade implica poder ao homem, enquanto ser atuante, e ele é, por assim dizer o centro da existência, uma vez que o homem é o criador da totalidade das coisas e com isso o do seu próprio ser. Isso significa que é a liberdade que dá fundamento aos valores. Assim ele é totalmente livre e, por conseguinte o único responsável por tudo aquilo que ele escolher e fazer da sua vida como um todo.

O homem vive em constante angústia por saber que sua vida não está pronta, pois tudo depende da sua ação e da sua responsabilidade de agir, ou seja, o destino do homem estar em suas próprias mãos.

O homem vive à mercê das diversas possibilidades, pois tem sempre que optar por uma coisa ou outra, sem ter ninguém que possa apontar o melhor a se escolher no momento. Assim, ao escolher umas das possibilidades, percebe por sua vez que esta só tem valor porque foi escolhida. Deste modo, ele sempre procurará fazer o que considera melhor no momento.

Todos os homens que tem em si a responsabilidade serão sempre deparados com o sentimento de angústia, já que escolher é algo imprescindível para a condição humana. O homem só não pode furtar-se do sentimento de não escolher, pois como já foi dito, o homem escolhe sempre negando ou afirmando. Logo o mesmo tem obrigação de assumir todas as conseqüências causadas por suas ações, independente do resultado das mesmas.

### 3. MÁ- FÉ

Toda escolha é angustiante, e por medo da angústia o homem conseqüentemente tem medo da liberdade, pois a liberdade gera angústia. Muitos não suportam esta angústia, e para não assumir o ser de liberdade que é, fogem e assim fingem que escondem sua ansiedade, dizendo “tanto faz”, se esquivando assim da sua responsabilidade.

Porém vale mencionar que pessoas incapazes de escolher, são vistas como pessoas de má-fé, ou seja, a má-fé é uma característica própria do homem que não é capaz de escolher por si só. Deste modo vivem a vida, sem se colocar como ser atuante e de decisão, e a partir deste ponto que o homem passa a mascarar a angústia, tentando fugir, assim, da realidade e eliminando sua liberdade.

Para Sartre, a má-fé é um erro, pois esconde antes de qualquer coisa a condição primordial do homem que é a liberdade. Pois, ao ser livre o homem é responsável e, no entanto, é o único que pode responder por suas ações. Assim ao fugir da responsabilidade para não sentir o peso de suas escolhas que gera inevitavelmente a temida angústia, da qual o homem busca a todo custo esquivar-se. Por não poder fugir da liberdade nem da angústia, o homem passa a experimentar a má-fé.

Porém, antes de aprofundarmos nossa reflexão acerca da má-fé se faz necessário compreender que má-fé e mentira são conceitos distintos, embora em um primeiro momento pareçam ser a mesma coisa. A má-fé como diz Sartre “costuma-se igualar à mentira”:

Convém escolher e examinar determinada atitude que, ao mesmo tempo, seja essencial à realidade humana e de tal ordem que a consciência volte sua negação para si, em vez de dirigi-la para fora. Atitude que parece ser a má-fé. [...] Costuma-se igualá-la à mentira. Diz-se indiferentemente que uma pessoa dá provas de má-fé ou mente a si mesma. Aceitemos que má-fé seja mentir a si mesmo, desde que imediatamente se faça a distinção entre mentir a si mesmo e simplesmente mentir. Admitimos que a mentira é uma atitude negativa. Mas esta negação não recai sobre a consciência, aponta só para o transcendente. A essência da mentira, de fato, implica que o mentiroso esteja completamente a par da verdade que esconde. (SARTRE, 2011, p.93).

Assim, podemos constatar que a mentira e a má-fé são conceitos diferentes. Na mentira o homem busca enganar o outro, ou seja, a relação ocorre entre duas pessoas: aquele que mente, e aquele que é enganado. O homem que mente busca de forma cínica enganar alguém que acredite em sua mentira, age assim por ter em mente esconder a verdade do seu interlocutor. Vale mencionar que, ao mentir, o homem tem noção do que está fazendo, pois

ele conhece sua mentira, e o faz de tal modo para que o outro não descubra sua intenção e com isso manter a verdade escondida. O homem tem consciência do que almeja esconder.

A má-fé é algo direcionado apenas para enganar a si mesmo, ou seja, nela não há interlocutor, deste modo ela só atinge quem a pratica. Nela, o enganador e o enganado são a mesma pessoa e, assim o homem tenta fugir daquilo que ele é. A consciência aqui busca sua negação dentro de si mesma, ou seja, ela própria se infecta de má-fé.

Quem age de má-fé tem antes de tudo consciência desse agir, no entanto, sabe o que quer esconder de sua própria consciência. Assim pode-se dizer que a má-fé é uma fuga – minha para comigo mesmo. Pois, o homem direciona a mentira para si mesmo; sua finalidade é esconder algo da qual sua consciência não sente orgulho, ou melhor, ele esconde algo do qual não quer ter consciência.

Na má-fé só existe uma consciência, de tal modo que nela, ela própria se auto-engana, pois como já foi dito anteriormente, enganador e enganado são a mesma coisa. A má-fé é uma conduta negativa interna, por se direcionada pela consciência para a própria consciência de quem a tem.

O ser humano que vive por meio da má-fé busca, na maioria das vezes, algo que prive a sua liberdade, ou melhor, algo onde não possa assumir sua liberdade. Por exemplo, uma determinada crença onde tudo que acontece em sua vida seja por vontade de um Deus, tendo assim a falsa ilusão de “ser liberto da sua liberdade”; vive no mundo sem nenhum tipo de reflexão e com isso aceita tudo que lhe impõe normas, regras e nada questiona, uma vez que para ele não se questiona a vontade de Deus. Desta forma, vivem a vida se enganando a si mesmo, já que não há forma do homem se libertar da própria liberdade e conseqüentemente da angústia.

Na má-fé o homem se coloca como um ser “em- si” ou seja, ser sem consciência que recusa deste modo o ser “para- si”, e que representa, por sua vez, a consciência humana, e toda sua liberdade de escolha.

Pode-se dizer que se trata de um homem de responsabilidade, mas que recusa sua liberdade e se torna conformado em qualquer situação. Ao negar a sua própria responsabilidade, ele diz não ser responsável por seu destino, logo, tudo que possa acontecer foi porque já estava pra acontecer e ele não podia de forma alguma modificar o que estava por vir. Age desta forma por medo de fazer uma escolha não tão boa, e desta forma ter que se responsabilizar e então ser lançado na angústia.

Assim, na má-fé o homem deixa de ser “livre” para daí justificar seus erros, como uma fatalidade do destino ou do acaso, pois sempre haverá para ele desculpas para sua ação.

Isto ocorre quando o ser humano não quer ter consciência do que realmente quer para si e com isso se deixa influenciar por grupos e crenças. Pessoas que se deixam levar pela má-fé estão sempre buscando agradar o outro, muitas das vezes realizando sonhos dos outros e esquecem-se de realizar os seus e, com isso, vivem na ilusão de uma vida organizada sem angústia, porém estão em um eterno vazio interior, ou melhor, na extrema solidão.

Pois sempre vai haver um momento quando o homem irá se questionar acerca do porquê de não ter optado por algo diferente, já que por ser livre pode a qualquer momento ter consciência de suas possibilidades. Logo surge uma vida inútil, pois não tem sentido, uma vez que os sonhos se perderam e com eles a emoção de viver de arriscar e de ser útil.

Este vazio citado anteriormente surge do sentimento de nada; este nada é o não ser, que surge da falta de realização, o homem se cansou e assim deixou que sua vida perdesse o sentido. Vale mencionar, que ao escolher uma determinada crença que seja confortável, o homem pode silenciar a angústia, porém sabe que está mentido para si mesmo, e deste fato o mesmo não pode fugir.

A má-fé tem a função de mascarar uma verdade desagradável, da qual o homem tenta se esquivar (mente para si mesmo), como diz Sartre:

Por certo, para quem pratica a má-fé, trata-se de mascarar uma verdade desagradável ou apresentar como verdade um erro agradável. A má-fé tem na aparência, portanto, a estrutura da mentira. Só que - e isso muda tudo - na má-fé eu mesmo escondo a verdade de mim mesmo. Assim, não existe neste caso a dualidade do enganador e do enganado. (SARTRE, 2011, p. 94).

O erro da má-fé é sem dúvida o pior, pois o homem pode enganar o mundo, porém não engana a si mesmo; pois ao fazer um exame de consciência, sua consciência sempre apontará a verdade.

Contudo a má-fé é a mentira que mente a si mesmo, onde o homem conta para fugir, ou melhor, para livrar-se da angústia presente nas escolhas. Desse modo, o homem nega sua própria liberdade, por medo da angústia.

Com isso podemos dizer que só há uma única maneira do homem escapar da má-fé: assumir de forma instantânea o ser faltante que ele é e com isso sua responsabilidade diante dos seus atos sejam eles bons ou ruins, mesmo que esta escolha possa vir ao lado da angústia. Entender e assumir a angústia é revelar a própria autenticidade e com isso realizar a liberdade que todos possuem.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo teve por objetivo, abordar a questão da liberdade na filosofia de Sartre, mais precisamente na quarta parte do livro *O Ser e o Nada*. Assim demonstramos o quanto à liberdade é importante em sua filosofia, pois para Sartre o homem é sempre livre, deixar de ser livre é para ele deixar de ser homem, ou seja, não há como o homem fugir de sua própria liberdade, uma vez que ela é a própria condição da existência humana.

Vimos também que o homem é aquele que se faz todos os dias através dos seus atos, pois não há um Deus criador, onde ele possa se apoiar; já que na visão de Sartre a “ a existência precede a essência” assim ele de início não é nada, e só será o que se tornar por meio de suas ações, com isso para ser é necessário agir, não agir é deixar de ser.

Notamos também que para Sartre por ser jogado no mundo sem apoio algum, o homem é o único responsável por todos os atos escolhidos ao longo da vida, por conseguinte verificou-se que sua escolha será sempre acompanhada de responsabilidades.

Ressaltamos também que ao ter consciência de que é livre e que está no mundo desamparado o homem passa a conhecer a angústia, pois o sentimento de responsabilidade faz com que ele se angustie. Essa angústia surge no momento da decisão, já que não existem possibilidades do outro escolher, a não ser o próprio homem, que é o único responsável por suas ações, vale mencionar que essa responsabilidade é além de tudo algo que envolve toda a humanidade (uma ação individual se torna algo coletivo), eis o fato que torna ainda mais o homem um ser angustiado.

Percebemos também, que por medo da angústia, muitos negam ser livre, porém o homem que nega sua liberdade passa a ser visto como um ser da má-fé. A má-fé é uma característica do homem que não escolhe por si só e que se refugia da sua própria liberdade. Vimos que má-fé e mentira embora sejam conceitos parecidos em um primeiro momento, são conceitos bastante diversos. A mentira é quando o homem mente para alguém, ou seja, a mentira se dirige há um interlocutor; enquanto a má-fé é a mentira que mente a si mesmo (o homem busca enganar a si mesmo).

Contudo a liberdade é uma condição da qual o homem não pode de forma alguma fugir, ele sempre será livre independente de qualquer coisa. Assim por mais que o homem tente fugir do sentimento de responsabilidade não conseguirá uma vez que sua liberdade não permite não ser livre. Ser livre é ter em si a angustia, pois, por mais que homem tente culpar o destino, ou até mesmo um Deus, ninguém será responsável por suas escolhas, a não ser o

próprio homem, que se faz todos os dias através de sua ações. A má-fé é apenas uma forma dele tentar fugir (mascarar) da angústia e de sua própria liberdade.

## **RESUMEN**

El propósito de este estudio es reflexionar sobre la libertad de Sartre, por lo que en primer lugar se plantea la importancia de la libertad en la filosofía sartreana, destacando en este sentido el verdadero propósito de la libertad, y demostró cómo la libertad es esencial en la vida de cualquier ser humano. A continuación, entra en la cuestión de los problemas, ya que, según Sartre el hombre es un pasivo y, por tanto, que la responsabilidad viene la angustia, por lo que el hombre se convierte en un ser en la angustia, la angustia surge de la responsabilidad del hombre antes de tomar una decisión. Por último vamos a señalar los hechos que llevan al ser humano a actuar de mala fe. mala fe de actuar es para Sartre un error, porque al actuar de mala fe el hombre trata de escapar del ser de libertad que es.

**Palabras-clave:** Sartre; la libertad; angustia; mala fé

## REFERÊNCIAS

- COX, Gary. **Compreender Sartre**. Tradução de Hélio Magri Filho. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.
- MELO, Romeu. **Sobre a liberdade**. Lisboa: Estúdios Cor, 1973.
- MONDIN, Battista. **O Homem quem é ele? : elementos de antropologia filosófica**. Tradução R. Leal Ferreira e M. A. S. Ferrari. 13.ed. São Paulo: Paulus, 2008.
- SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**. Tradução de João Batista. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.
- \_\_\_\_\_. **O Ser e o Nada: Ensaio de Ontologia Fenomenológica**. Tradução de Paulo Perdigão. 19.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.
- SILVA, Aline M. V. B. **Concepção de liberdade em Sartre**. Vol. 6, 2013. Disponível em: <http://www.marilia.unesp.br/> filogenese: Consultado em 19/julho/2016
- THODY, Philip. **Sartre: Uma Introdução Bibliográfica**. Tradução de Paulo Perdigão e Amena Mayall. Rio de Janeiro: Bloch, 1974.
- VALLE, Agustín Basave F. Del. **Filosofia do Homem: (Fundamentos de Antroposofia Metafísica)**. Tradução de Hugo di Primio Paz. São Paulo: Convívio, 1975.